

CELEBRAR A VIDA E A MORTE
A FESTA EM “THE GARDEN PARTY”
(KATHERINE MANSFIELD), E “FELIZ ANIVERSÁRIO”
(CLARICE LISPECTOR)

Alda Correia

O conto “The Garden Party” foi escrito em Outubro de 1922. Depois de terminar o famoso “At the Bay” e pôr de parte “Married Man”, que nunca chegou a concluir, Katherine Mansfield inicia uma história sobre a família Sheridan, baseada em acontecimentos reais, ocorridos quando em 1907 Mrs. Beauchamp dera uma festa no jardim, em Wellington. O seu objectivo é, como dirá mais tarde no diário, transmitir a diversidade da vida, o que inclui a morte. O excerto é elucidativo sobre as intenções da autora:

That is what I tried to convey at “The Garden Party”. The diversity of life and how we try to fit in everything, Death included. That is bewildering for a person of Laura’s age. She feels things ought to happen differently. First one and then another. But life isn’t like that. We haven’t the ordering of it. Laura says, ‘But all these things must not happen at once.’ And Life answers, ‘Why not? How are they divided from each other.’ And they do all happen, it is inevitable. And it seems to me there is beauty in that inevitability...¹

O conto revela-nos o crescimento psicológico de Laura e a sua rejeição do condicionamento social, tipificado pelo comportamento da mãe, Mrs. Sheridan. Esta procura manter todo ambiente da projectada festa no jardim,

¹ K. Mansfield, *Letters and Journals*, ed. C. K. Stead, (Harmondsworth: Penguin, 1971) 259.

mesmo depois da notícia da morte de um vizinho de estrato social muito baixo. É essa morte, e sobretudo a visão do morto, que afectam a sensibilidade da protagonista.

O texto constrói-se com base em contrastes e paralelos, numa certa dualidade estética, estruturada em dois modos distintos – o social e realista e o simbólico e lírico. Para além destes níveis existe ainda o significado filosófico da totalidade da experiência vivida pela personagem. Ao narrar a evolução desta no sentido da idade adulta, Katherine Mansfield coloca em confronto a inocência de Laura, que pretende cancelar a festa (“And just think of what the band would sound like to that poor woman, said Laura”²) e a experiência de Mrs. Sheridan que afirma que tal atitude não faz sentido: “People like that don’t expect sacrifices from us. And it’s not very sympathetic to spoil everybody’s enjoyment as you’re doing now.”³ Em paralelo, confrontam-se a beleza e a fealdade, a vida e a morte. Mas, também em paralelo e num sentido mais concreto, questiona-se a validade das diferenças que separam pessoas como a família Sheridan e a família Scott, questiona-se, no fundo, a distinção entre classes sociais.

O conto estrutura-se em duas partes: o mundo dos Sheridan que domina a primeira parte do texto e o mundo dos Scott, na segunda. Ambos são marcados por rituais sociais particulares e a festa no jardim representa a possibilidade que os ricos têm de esconder ou tentar evitar as realidades desagradáveis da existência humana, através da beleza e da elegância. Todo o ambiente inicial testemunha a abundância, a riqueza e o bem-estar:

And after all the weather was ideal. They could not have had a more perfect day for a garden-party if they had ordered it. Windless, warm, the sky without a cloud. (...) The gardener had been up since dawn, mowing the lawns and sweeping them, until the grass and the dark flat rosettes where the daisy plants had been seemed to shine. As for the roses, you could not help feeling they understood that roses are the only flowers that impress people at garden-parties (...) Hundreds, yes, literally hundreds, had come out in a single night; the green bushes bowed down as though they had been visited by archangels.⁴

Esta beleza, criada em parte de modo artificial e associada ao irreal, como é sugerido pela última expressão, distancia ainda mais os mundos das

² Katherine Mansfield, *The Collected Stories of Katherine Mansfield*, (London: Penguin, 1981) 254.

³ Mansfield, *Collected Stories* 255-56.

⁴ Mansfield, *Collected Stories* 245.

duas famílias. O artificialismo mantém-se nos “cream-puffs” e na tenda, encomendados propositadamente para a festa e na profusão de plantas compradas por Mrs. Sheridan:

There, just inside the door, stood a wide, shallow tray full of pots of pink lilies. No other kind. Nothing but lilies – canna lilies, big pink flowers, wide open, radiant, almost frighteningly alive on bright crimson stems. (...) “It’s some mistake,” she [Laura] said faintly. “Nobody ever ordered so many (...)”. (...) It’s quite right,” she said calmly. “Yes, I ordered them. Aren’t they lovely?” (...).⁵

Em contraste com este ambiente, descrito com vocábulos como “perfect”, “delicious”, “beautiful”, “splendour”, “radiant”, “exquisite”, “brilliant”, “rapturous”, “charming”, “delightful”, “stunning”, o ambiente em que vivem os Scott é descrito como “haggard”, “mean”, “poverty-stricken”, “revolting”, “disgusting”, “sordid”, “crab-like”, “wretched”. A oposição, traduzida também na disposição física das casas, separadas apenas pela estrada, mantém-se nos jardins de ambas e até no fumo que sai das chaminés:

They were little mean dwellings painted a chocolate brown. In the garden patches there was nothing but cabbage stalks, sick hens and tomato cans. The very smoke coming out of their chimneys was poverty-stricken. Little rags and shreds of smoke, so unlike the great silvery plumes that uncurled from the Sheridans’ chimneys. (...) She found herself in a wretched little low kitchen.⁶

A perfeição mágica da festa consegue sobrepor-se às inquietações de Laura através do chapéu e do efeito causado pela visão da sua imagem no espelho. Estes dois elementos, habilmente jogados por Mrs. Sheridan, acabam por tornar a imagem dos vizinhos enlutados desfocada e irreal. O chapéu, que será usado até ao final pela protagonista, simboliza o refinamento, a elegância e a capacidade económica da classe social a que Laura pertence, contrastando com os xales das mulheres do bairro vizinho. Por isso esta se sente deslocada com o chapéu junto do morto, pedindo-lhe perdão pelo facto: “Forgive my hat”⁷. O mesmo aconteceu com o vestido: “Laura bent her

⁵ Mansfield, *Collected Stories* 249.

⁶ Mansfield, *Collected Stories* 254 e 260.

⁷ Mansfield, *Collected Stories* 261.

head and hurried on. She wished now she had put on a coat. How her frock shone! And the big hat with the velvet streamer – if only it was another hat! Were the people looking at her? They must be”⁸.

A festa, como celebração da vida e encontro de um determinado grupo social, torna-se uma atitude superficial e, estruturalmente, uma técnica para retardar a revelação final da narrativa: o fascínio que Laura sente perante a simultaneidade da morte e da vida e o seu esforço para conciliar as imagens da beleza e da esperança com as da morte e da miséria. A abordagem social e económica de um primeiro nível narrativo culmina, na parte final do conto, numa abordagem simbólica e psicológica, o que faz corresponder a dualidade temática à dualidade estrutural do texto.

Ao tentar fazer a ponte entre a morte e a festa, Laura enceta um percurso entre os dois mundos e dois momentos marcantes da sua existência: a descida do jardim onde tudo é claro e luminoso, para a ravina (“hollow”) onde as casinhas pobres se alinham na sombra. Mansfield usa os pormenores concretos do percurso da protagonista e o simbolismo para explorar a interioridade da personagem. O processo psicológico de uma Laura insegura em busca de compreensão perante uma das verdades mais obscuras da existência humana, corresponde ao padrão de acção da narrativa com a escuridão do anoitecer, a sombra e a descida:

It was just growing *dusky* as Laura shut their garden gates. A big dog ran by like a *shadow*. The road gleamed white, and down below in the hollow the little cottages were in deep shade. How quiet it seemed after the afternoon. Here she was going down the hill to somewhere where a man lay dead, and she couldn’t realise it. Why couldn’t she? (...) Now the broad road was crossed. The lane began, *smoky and dark*.⁹

A visão do morto provoca em Laura uma reacção que contrasta com todas as imagens do ambiente dadas anteriormente. Perante a morte, a protagonista sublinha a paz, a beleza e a felicidade, o que constitui, segundo alguns críticos¹⁰, uma resposta ou uma saída para a conciliação da dualidade referida desde o início:

⁸ Mansfield, *Collected Stories* 259.

⁹ Mansfield, *Collected Stories* 258-9, *itálicos meus*.

¹⁰ Adam J. Sorkin, “Katherine Mansfield’s ‘The Garden Party’: Style and Social Occasion,” *Modern Fiction Studies* 24.3 (1978): 439-455; Kate Fullbrook, *Katherine Mansfield* (Bloomington: Indiana University Press, 1986) 118-24; Clare Hanson e Andrew Gurr, *Katherine Mansfield* (London: Macmillan Press, 1981) 115-23.

There lay a young man, fast asleep – sleeping so soundly, so deeply, that he was far, far away from them both. Oh, so remote, so peaceful. He was dreaming. Never wake him up again. (...) He was given up to his dream. (...) He was wonderful, beautiful. While they were laughing and while the band was playing, this marvel had come to the lane. Happy... Happy... All is well, said that sleeping face. That is just as it should be. I am content. But all the same you had to cry (...).¹¹

No entanto, este final também pode ser encarado como um dos típicos finais irónicos e paradoxais de Mansfield, uma vez que, em certa medida, põe em causa a sensibilidade de Laura, remetendo a reacção desta, ou para a imaturidade ou para um distanciamento convencional, que pode reafirmar a sua origem social, ecoar a sua visão estética ou a visão cor-de-rosa da festa. Por outras palavras, poderíamos dizer que a voz de Mrs. Sheridan está presente através do discurso confuso de Laura ou que existe uma relação dual com a questão ideológica apresentada: as palavras da protagonista perante o morto revelam tanto a necessidade de contestação da personagem como a sua dependência da ideologia familiar. Neste sentido, a própria visita de Laura à família Scott pode ser vista como a solução encontrada por Mrs. Sheridan para canalizar o inconformismo social da filha para um gesto de apoio, enfraquecendo-lhe assim o impulso de contestação. Do mesmo modo, a entrega do chapéu, pertencente a Mrs. Sheridan, pode simbolizar a passagem dos próprios valores e estilo de vida à filha, num momento crucial do crescimento desta.

De uma maneira ou de outra, a morte acaba por ser sentida por Laura como mais um elemento incluído na festa da vida.

Esta temática está também presente, ainda que tratada de outra forma, no conto “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector. Este faz parte do volume *Laços de Família*, publicado em 1960. O assunto é a celebração dos oitenta e nove anos de D. Anita, uma velha senhora “grande, magra, imponente e morena”¹² e o texto constrói-se com base na oposição aparência/realidade, logo a partir do valor irónico do título. A imagem de harmonia e felicidade que a família simula, contrasta com os conflitos dos familiares entre si, por um lado, e com as amarguras reais de cada um dos presentes, desde a velha aos filhos e netos, por outro. Lispector procura mostrar o mal estar clandestino que se oculta por baixo de cada uma das presenças da festa e fá-lo de forma a questionar e desmontar a imagem ideal desta, em cada gesto,

¹¹ Mansfield, *Collected Stories* 261.

¹² Clarice Lispector, *Laços de Família* (Lisboa: Relógio d’Água, 1989) 51.

momento, frase e pensamento das personagens, o que instaura a desordem e o desequilíbrio. Não há acção propriamente dita e os diálogos são breves e constituídos por frases feitas, clichés ou afirmações vazias de sentido que reforçam a impressão de artificialidade:

– Oitenta e nove anos, sim senhor!, disse José, filho mais velho agora que Jonga tinha morrido. Oitenta e nove anos, sim senhora!, disse esfregando as mão em admiração pública e como sinal imperceptível para todos.

Todos se interromperam atentos e olharam a aniversariante de um modo mais oficial. Alguns abanaram a cabeça em admiração como a um *record*. Cada ano vencido pela aniversariante era uma vaga etapa da família toda. Sim senhor!, disseram alguns sorrindo timidamente.

– Oitenta e nove anos! Ecoou Manuel que era sócio de José. É um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa.

(...)

– Oitenta e nove anos!, repetiu Manuel aflito, olhando para a esposa.¹³

“Feliz Aniversário”, tal como “The Garden-Party”, estrutura-se a partir de uma dualidade de significados: a conformidade em relação às convenções sociais, que liga cada ser humano ao seu semelhante e o obriga a um determinado comportamento, representado na festa, e as pequenas hipocrisias e verdades, a solidão e a indiferença escondidas por detrás das máscaras usadas nessa situação. Estas duas vertentes da narrativa revelam-se logo desde o início do texto quando se refere que o marido da nora de Olaria não vinha porque não queria ver os irmãos mas “mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos. (...) ‘Vim para não deixar de vir’, dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida”¹⁴.

A imobilidade da velha, sentada “desde as duas horas à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa, posta à cabeceira para adiantar o expediente, parecendo oca”¹⁵, revela a sua alienação e o modo como é vista pelos filhos. A imobilidade, a mudez e o silêncio, bastante comuns no universo clariceano, marcarão a imagem de D. Anita ao longo da narrativa, representando afinal o que ela é na festa através de repetições como “Na cabeceira da mesa (...) ela era a mãe” ou “seu olhar estava fixo, silencioso

¹³ Lispector, *Laços de Família*, 51

¹⁴ Clarice Lispector, *Laços de Família* 49.

¹⁵ Clarice Lispector, *Laços de Família* 50-51.

como se nada tivesse acontecido” ou “a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa” e no final “enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma”¹⁶. Esta “aparência que a ultrapassara” quebra-se no momento em que, cheia de raiva pede um copo de vinho. O momento, juntamente com o anterior em que cospe no chão, é antecipado pelo corte do bolo feito “com punho de assassina”¹⁷ e resulta da sua introspecção em discurso indirecto livre, do seu rancor e cólera em relação à família:

Ela era mãe de todos. E, impotente na cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne do seu joelho, pensou de repente como se cuspsse. (...) Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?!, como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? (...) Dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio.¹⁸

Depois desta afirmação de força e revolta de D. Anita, materializada nos actos referidos, a festa está terminada e a família procura encontrar as palavras certas para a despedida. Fica então clara a sua incapacidade de decifrar e expressar os próprios sentimentos e pensamentos, através das tentativas frustradas de transmitir uma mensagem à velha mãe. As frases fragmentadas que daí resultam são analisadas criticamente pela personagem ou pelo narrador, acentuando cada vez mais a inconsistência dos comportamentos na festa:

Nós temos esse grande privilégio, disse distraído enxugando a palma húmida das mãos.

Mas não era nada disso, apenas o mal-estar da despedida, nunca se sabe ao certo o que dizer, José esperando de si mesmo como perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha.¹⁹

O narrador intrusivo, tão típico de Lispector, vai sublinhando, ao longo do texto, a partir de determinados momentos padrão de uma festa, as dificul-

¹⁶ Clarice Lispector, *Laços de Família* 54-56-58-60.

¹⁷ Clarice Lispector, *Laços de Família* 53.

¹⁸ Clarice Lispector, *Laços de Família* 54-55.

¹⁹ Clarice Lispector, *Laços de Família* 58.

dades de comunicação, a natureza mecânica de certos momentos da vida humana, a questão do seu sentido:

Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais – que palavra? Eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto.²⁰

A personagem Zilda, a filha com quem a aniversariante morava, polariza uma boa parte do conflito que a festa dissimula. Guarda os presentes com amargura e ironia, sentindo-se revoltada porque “servia como uma escrava” e ninguém tinha contribuído para a comida da festa. Cordélia, a nora mais moça, caracterizada como ausente “culpada, perplexa e desesperada” é a mais desligada da realidade material (negócios, vestidos, lanche), a mais insegura do grupo de familiares, e a que se encontra mais próxima de D. Anita. A verdade sobre o limite da vida, a verdade que a velha quer transmitir a Cordélia, acaba por perder-se num momento fugidio:

Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: é preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

Porém nenhuma vez mais repetiu porque a verdade era um relance. Cordélia olhou-a estarecida. E, para nunca mais, nenhuma vez repetiu – enquanto Rodrigo (...) puxava a mão daquela mãe (...) que mais uma vez olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim, agarrar a sua derradeira chance e viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar.

Mas a esse novo olhar – a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa.

Passara o relance. E arrastada pela mão paciente e insistente de Rodrigo, a nora seguiu-o, espantada.²¹

A morte, o absurdo da vida, é o mistério que D. Anita procura transmitir a Cordélia e que esta procura compreender, mas tal verdade perde-se no turbilhão de futilidades da festa. A última frase do texto confirma este ponto de vista: “A morte era o seu mistério”. Se quisermos partir de uma outra pers-

²⁰ Clarice Lispector, *Laços de Família* 60.

²¹ Clarice Lispector, *Laços de Família* 57-58.

pectiva, a ideia de morte associa-se à de vida tal como no conto de K. Mansfield. A força do punho fechado sobre a mesa, o gesto de cuspir no chão, a explosão a propósito do copo de vinho, o raciocínio crítico exposto revelam a vitalidade de D. Anita que, no entanto, é tratada desde o início pelos familiares como uma figura estática, oca, silenciosa, uma figura que é sentada à cabeceira da mesa vazia desde as duas da tarde, que é tratada como se situasse mais do lado da morte do que da vida. O seu bolo de aniversário é cortado e “dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão”²². A interrogação sobre a vida, partilhada por Cordélia, uma jovem, e D. Anita, uma velha, é também uma interrogação sobre a morte.

O texto de Lispector, muito mais centrado na análise de tipos e atitudes existenciais, utiliza a festa, para analisar em cada passo e em cada gesto os conflitos e dualidades da identidade social da família e em particular a presença implícita da morte.

Na festa de *The Garden Party* exploram-se com maior clareza tipos, atitudes sociais específicas e ambientes físicos, mas a segunda parte traz-nos através da realidade da morte, a experiência existencial que em certa medida, questiona a primeira. Como Lispector diz no conto, o instante que pedia para ser vivo mas que era morto existe em ambos os textos tanto na perfeição da festa dos Sheridan, como na felicidade de Laura, tanto na revolta de D. Anita, como no sofrimento da família Scott e na mente dos filhos que “pensavam se a velha resistiria mais um ano ao nervoso e à impaciência de Zilda”²³. O espanto de Cordélia e a emoção inexplicável de Laura no final, mediadoras entre os dois momentos da celebração, ilustram bem a consciência da vida e da morte que ambas as autoras procuram estudar no ritual da festa.

Bibliografia

- Fullbrook, Kate. *Katherine Mansfield*. Key Women Writers. Bloomington: Indiana University Press, 1986.
- Hanson, Clare e Andrew Gurr. *Katherine Mansfield*. London: Macmillan Press, 1981.
- Lispector, Clarice. *Laços de Família*. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.
- Mansfield, Katherine. *The Collected Stories of Katherine Mansfield*. London: Penguin, ed. 1981.

²² Clarice Lispector, *Laços de Família* 53.

²³ Clarice Lispector, *Laços de Família* 60.

- Mansfield, Katherine. *Letters and Journals*. Ed. C. K. Stead. London: Penguin, 1981 (1.^a ed.: 1977).
- Sorkin, Adam J. "Katherine Mansfield's 'The Garden Party': Style and Social Occasion." *Modern Fiction Studies* 24.3 (1978): 439-455.
- Zapf, Hubert. "Time and Space in Katherine Mansfield's *The Garden Party*." *Orbis Litterarum* 40 (1985): 44-54.